

Introdução à uma releitura alegre e comprometida do século XX à luz da recente obra de Carlos Zilio

Jorge Guinle

1984

Para compreender estas 25 telas recentes (safra de 83-84) tomemos como ponto de partida as 4 telas intituladas "Jardins de Seurat e de Matisse", expostas na Galeria Paulo Klabin. As 4 telas formam um apêndice, um parênteses importante dentro da nova série de 25 telas, esclarecendo as restantes de uma maneira contundente.

Para atualizar o conceito revolucionário de Cézanne, que proclamava que era preciso esquecer o Museu indo diretamente à Natureza, Carlos Zilio redimensiona a questão a partir dos anos 80: como recolocar as referências culturais adquiridas e sedimentadas no museu, em contato e em conflito com a vida, com a própria natureza.

Zilio ataca este dilema da maneira mais atual, mais radical, ou seja, de modo mais superficial (o olho se atém na superfície da própria tela que a composição por sua vez dinamiza): representando as questões e lições fundamentais dos mestres Seurat e Matisse, base da pintura do século XX. E procede com o mesmo frescor e a mesma irreverência (via uma POPART Sociologicamente decantada, dos anos 60, e uma "Pattern Painting" debochada dos anos 70, ou seja, via Duchamp (POPART) e Matisse (PATTERN PAINTING)).

Os sentimentos novos destes criadores pediam uma reformulação imediata e estrutural de seus meios. A mesma alegria, o mesmo deboche, a mesma simplicidade, o mesmo mau gosto (para a época) aliados, enquadrados dentro da visão global de seu projeto, se desprendem destas telas, acre-doces. Pois tragicômicos, os quadros de Carlos Zilio debatem, travam uma luta mortal, um lento corpo a corpo com questões já resolvidas pictoricamente, mas que, psicoticamente não encontram mais eco no nosso dia a dia.